

PALÁCIO ITAMARATY, BRASÍLIA, DF, 7 DE SETEMBRO DE 1997

Excelentíssimo Senhor Presidente da República Portuguesa, Doutor Jorge Sampaio; Senhora Maria José Rita; Senhor Vice-Presidente, Marco Maciel; Senhores Ministros das Relações Exteriores e dos Negócios Estrangeiros, Felipe Lampreia e Jaime Gama; Senhor Ministro Weffort, da Cultura; Senhor Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos; Escritor Pepetela; Senhora Presidente da Academia Brasileira de Letras, Escritora Nélida Piñon, em quem eu saúdo a todos os escritores aqui presentes; Senhores Embaixadores; Senhores Parlamentares; Senhoras e Senhores,

Pela segunda vez, cabe a mim este momento de conagração, ao redor da língua portuguesa. Na última vez, nesta mesma sala, em que pude participar, foi José Saramago quem recebeu o prêmio. Em Lisboa, pude assistir a uma homenagem a Jorge Amado, lembrando o prêmio recebido, o Prêmio Camões.

Talvez ninguém tenha expressado melhor do que o Presidente Sampaio o significado desta nossa solenidade: um encontro. Encontro de povos; encontro da língua, através da língua; encontro de cul-

turas; vontade de desenhar um passado, redesenhá-lo no presente e apontar para um futuro.

Eu creio que hoje, pelo fato de nós estarmos homenageando um escritor de Angola, Pepetela, fica mais nítido o que significa a presença dessa nossa língua portuguesa, língua que abrange vários continentes, mas que, na verdade – como disse o próprio homenageado –, é nesse triângulo formado entre Portugal, Brasil e África que vamos encontrar a expressão mais imediata, mais direta, da nossa língua portuguesa.

Disse bem o Doutor Jorge Sampaio o quanto é fundamental que nós nos preocupemos com a questão da língua portuguesa. Hoje, no mundo que se globaliza, ao contrário do que muitos pensam, o que vai valer é a diferença. A globalização dos mercados não vai sufocar a diversidade das culturas, não vai sufocar as sensibilidades que se expressam, certamente sempre através de uma língua específica. E quanto mais nós valorizarmos a nossa língua portuguesa, mais nós estaremos aptos a esse momento da universalização.

Não é nenhuma novidade dizer que, através da vivência específica, é possível que a experiência cultural de um povo se torne objeto do interesse mais amplo, do interesse universal. Com essa nossa língua portuguesa, falada por 200 milhões de pessoas, nós temos, hoje, a obrigação, mais do que nunca, de valorizarmos esse fato.

E disse, também, o Doutor Jorge Sampaio que, num momento de comunicações rápidas e instantâneas, as línguas se atropelam umas nas outras. Mesmo a língua inglesa, que poderia parecer ser a língua internacional, acaba sendo, progressivamente, substituída por uma semilíngua, através dos instrumentos de informática e de computação, que não falam propriamente nenhuma língua.

Neste momento, o fato de nós termos uma língua tão rica como a portuguesa nos transforma em herdeiros de alguma coisa que não podemos perder: o saber da importância da obra de Pepetela, como romancista. Ao saber, se me permitem uma referência à profissão dele, que é a minha, das suas qualificações como sociólogo e ao ver que, apesar dessa qualificação que, muitas vezes, leva a um certo tecnicismo que dificulta a expressão, ele foi capaz de, ao contrário, utilizar o saber

muito específico que tem, como sociólogo, e, sonhando, como ele disse, propor sonhos ao resto da humanidade através do seu idioma, vê-se que, realmente, se trata de uma pessoa que tem todas as qualidades para merecer o Prêmio Camões que acaba de receber.

Queria dizer também, neste momento, que, para nós, brasileiros, não apenas o fato, já transcendental, de estarmos, aqui, ao lado do Presidente de Portugal, de termos passado o Dia da Pátria comemorando juntos, mas também este fecho, que nos deixa ainda mais contentes, de podermos transmitir um prêmio a um escritor angolano, mostra, realmente, o quanto nós temos em comum, apesar das distâncias e das diferenças.

Eu estive em Angola, recentemente. Não estive apenas em Luanda. Eu fui a Kuito, fui ao interior de Angola. E raras vezes senti uma emoção tão forte em minha vida, quando lá, no interior de Angola, vi aquele povo sofrido, a cidade bombardeada, falando em português e gritando palavras de carinho ao povo do Brasil, através do Presidente de Portugal.

Só esse fato de identificação já mostra o quanto significa, para nós e para mim, em particular, podermos estar juntos, aqui, os que formamos esse triângulo: Angola, Portugal e Brasil, atribuindo um prêmio de transcendência universal, o Prêmio Camões. Um prêmio que leva o nome de alguém que foi capaz de codificar, se assim eu posso dizer, uma língua, que passou a ser, realmente, uma língua universal, através da qual nós temos sido capazes de criar culturas próprias, com muitas afinidades, mas próprias. Creio que isso fica bem evidente quando nós aqui, no Brasil, queremos nos expressar e entender melhor a nossa cultura, quando lemos os nossos escritores, quando pensamos sobre a nossa realidade, quando tentamos analisar as categorias intelectuais pelas quais nós nos orientamos, e nós sempre nos sentimos portugueses, como eu disse outro dia, no Extremo Ocidente, porque somos portugueses, mas, simultaneamente, nos sentimos muito africanos, porque também somos africanos.

Para expressar essa realidade que é nossa – e nossa num sentido amplo –, eu diria que não será possível nunca entender a cultura brasileira, se nós esquecermos a dimensão ocidental portuguesa, até mesmo

do que Portugal herdou, cartesiana, dizia eu, recentemente, mas sempre com uma pitada de candomblé, sempre com alguma coisa que parece evasiva, que escapa. E aqueles que, em algum momento, se dedicaram a entender um pouco melhor as culturas africanas e a nossa cultura e os que estudaram as religiões africana e brasileira – ainda recentemente reli um livro de uma pessoa que foi meu professor e de quem fui assistente mais tarde, Roger Bastide, sobre as religiões africanas, sobre o candomblé – verificaram, com facilidade, por que, muitas vezes, aqui no Brasil, o princípio da não-contradição parece não valer. As pessoas querem e não querem as mesmas coisas. São e não são, ao mesmo tempo. Não por serem dialéticos, não porque mais adiante superem os dois termos numa síntese nova, mas simplesmente porque esse princípio parece um pouco diferente do princípio tal como ele é percebido pela mente ocidental.

‘Se formos recorrer às religiões africanas, a macumba ou o candomblé, revividos aqui no Brasil, vamos ver que aí também existe um princípio que não é propriamente o da não-contradição e que é possível, perfeitamente, o bem e o mal conviverem, sem que disso resulte algo de extraordinário, sem que um aniquile o outro e sem que haja um terceiro termo. Nós vivemos sempre com essa possibilidade, que, aos olhos ocidentais, puros, dá a impressão de ambigüidade, ambivalência, falta de firmeza, mas, aos olhos afro-brasileiros e portugueses, dá a compreensão de outra dimensão, que também é nossa e vem também de Portugal, influenciada, quiçá, pela África, que é a da tolerância, a da capacidade de conviver entre os contrários e não tratar de eliminar o outro, simplesmente para mostrar que o próprio tem uma razão, e uma razão absoluta.

Não somos vocacionados para as razões absolutas. Somos vocacionados para a compreensão, muito específica, muito particular, para a diversidade. E essa diversidade nós a expressamos na língua portuguesa.

Hoje, seguramente, ao premiarmos um grande escritor angolano, um grande escritor da língua portuguesa, nós estamos premiando alguém que se manifesta, nos seus romances, pelo especial, particular, que é, talvez, muito diferente do nosso especial, particular. Mas nós não

buscamos nunca eliminar as diferenças. Vivemos nossas diferenças com naturalidade, com simplicidade.

Isso tudo é fruto desse amálgama extraordinário que só foi permitido pela língua portuguesa e por essa plasticidade que é muito portuguesa, é muito brasileira, é muito angolana, é muito africana. Quem sabe, um pedacinho em Macau; quem sabe, um pedacinho em Goa; quem sabe, por toda parte e, amanhã, em Timor, nós sentimos essa mesma ambiência, essa mesma capacidade de compreender o outro e, sendo diferente, não querer destruí-lo, porque temos uma cultura que está embasada nesse idioma, que permitiu conhecer as diversidades, reconhecê-las, deixá-las, às vezes, um pouco esfumaçadas e ser capaz, sempre, de ter aquilo que é essencial em qualquer língua, como em qualquer cultura, como em qualquer literatura: um forte sentimento de humanidade.

Muito obrigado.

